

“Do’s and don’ts” - as instruções para soldados americanos e ingleses na II Guerra Mundial: uma análise comparativa (1942-1945)

Anailza Guimarães Costa¹

Resumo: Este artigo tem como objetivo realizar um estudo histórico comparado dos manuais *Instructions for American Servicemen in Britain (1942)* e *Instructions for British Servicemen in France (1944)*, ambos adquiridos junto ao Imperial War Museum da Inglaterra. Mostraremos que eles ofereciam as instruções de comportamento pensadas pelo Estado britânico e norte-americano para os soldados durante a II Guerra Mundial. Buscaremos responder as questões norteadoras: o que é educar para soldados em Guerra segundo os manuais *Instructions for American Servicemen in Britain (1942)* e *Instructions for British Servicemen in France (1944)*? Quais os instrumentos utilizados pelo Estado norte-americano e britânico para a educação do soldado na II Guerra? Para tanto, utilizaremos o método da História Comparada, buscando ver como o Estado britânico e norte-americano pensou educar os soldados durante a II Guerra Mundial.

Palavras-chave: II Guerra - Manuais – Instruções - Soldados.

Do’s and don’ts - Instructions for US and British Soldiers in World War II: A Comparative Analysis

Abstract: This article aims to conduct a historical comparative study of the Manuals *Instructions for American Servicemen in Britain (1942)* and *Instructions for British Servicemen in France (1944)*, both acquired by the Imperial War Museum in England. We will show that they basically offered “do’s and don’ts”, that is, the British and US state-designed behavioral instructions for soldiers during World War II. We will try to answer the guiding questions: what is it to educate for War according to the Manuals for American Servicemen in Britain (1942) and Instructions for British Servicemen in France (1944)? What are the instruments used by the US and British states for the education of the soldier in World War II? To do so, we will use the method of Comparative History, seeking to see how the British and American state thought to educate soldiers during World War II.

Keywords: War II - Manuals - Instructions - Soldiers.

Artigo recebido em 27/11/2017 e aceito em 23/12/2017

“DO’S AND DON’TS” - AS INSTRUÇÕES PARA SOLDADOS AMERICANOS E INGLESES NA II GUERRA MUNDIAL: UMA ANÁLISE COMPARATIVA (1942-1945)

ANAILZA GUIMARÃES COSTA

Introdução

A II Guerra (1939-1945) parece ser um tema de pesquisa inesgotável. Em diversas áreas o assunto é abordado, seja nos cinemas com um número elevado de filmes, na literatura através de variados livros ou até mesmo em jogos. De fato, a II Guerra marcou o século XX e trouxe várias mudanças de ordem política, econômica e social para o mundo. Diferente da I Guerra Mundial (1914-1918), a segunda propagou-se por toda Europa, revolucionou os recursos táticos através de novos armamentos com capacidade de destruição total e trouxe o fortalecimento de regimes fascistas.

Essa Guerra uniu países antes rivais por posições ideológicas. De um lado União Soviética (socialista), Grã-Bretanha e Estados Unidos (capitalistas) representando o grupo dos Aliados e, do outro, o grupo do Eixo formado por Alemanha, Itália e Japão. Inicialmente a guerra começou sem Hitler precisar disparar um tiro. Com extrema habilidade conseguiu dismantelar o Tratado de Versalhes, conquistou o rearmamento para o Reich e a anexação de territórios como o da Áustria. Enquanto isso, os países europeus apenas assistiam as manobras de Hitler com passividade. Apenas quando os alemães invadiram a Polônia em 1º de setembro de 1939 foi que França e Grã-Bretanha reagiram e declararam guerra a Alemanha em 3 de setembro do mesmo ano.

Os Estados Unidos só entrou de fato na Guerra depois do ataque japonês a sua base aeronaval em Pearl Harbor em 1941. Após isso, os norte-americanos deixaram sua política isolacionista e declararam guerra ao Japão. Em seguida, Alemanha e Itália declaram guerra aos norte-americanos e assim iniciava-se o apoio militar total dos Estados Unidos aos países Aliados. Por conta de todo esse contexto de Guerra, do avanço cada vez maior dos alemães, já com a França ocupada desde 1940, os governos britânico e americano sentiram cada vez mais a necessidade de união para lutarem contra o inimigo maior, a Alemanha.

O primeiro manual foi produzido pelo Departamento de Guerra dos Estados Unidos em 1942 chamado de *Instructions for American Servicemen in Britain* e logo depois os britânicos, através do seu Escritório Executivo de Guerra Política, produziram um material semelhante visando orientar seus soldados na França de 1944. Neste último caso, o originalmente chamado *Soldier's Guide to France* foi rebatizado *Instructions for British Servicemen in France*. Neste trabalho, nosso objetivo é realizar um estudo comparado dos manuais *Instructions for American Servicemen in Britain 1942* e *Instructions for British Servicemen in France 1944*, observando como ambos abordaram o desafio de pensar o comportamento de seus soldados visando educar suas ações em terras estrangeiras num contexto de guerra.

Para análise desses manuais, utilizamos o método da História Comparada. Temos sociedades diferentes, Estados Unidos, Inglaterra e França, com algumas analogias e próximas no tempo (1942-1945). Neste trabalho identificamos as semelhanças e também as diferenças nas ordens de comportamento, pois, “sem analogias, e sem diferenças, não é possível se falar em uma autêntica História Comparada”^{II}. Ainda buscamos as possíveis influências de um manual sob o outro e analisamos um problema comum: Como os Estados norte-americano e britânico educaram os soldados da II Guerra Mundial?

Nesta pesquisa, Marc Bloch foi utilizado como principal aporte metodológico. Bloch foi um dos pioneiros e um dos principais defensores da abordagem comparada e fez críticas aos historiadores que se dedicavam exclusivamente à história nacional. Para Bloch^{III}, estes mantinham um diálogo de surdos, pois, migravam de uma história nacional para outra sem que se ouvissem mutuamente. Assim, a História Comparada nos possibilitou encontrar e

“DO’S AND DON’TS” - AS INSTRUÇÕES PARA SOLDADOS AMERICANOS E INGLESES NA II GUERRA MUNDIAL: UMA ANÁLISE COMPARATIVA (1942-1945)

ANAILZA GUIMARÃES COSTA

compreender que tipo de educação era dada ao soldado e quais os instrumentos empregados para isso.

Bloch^{IV} ainda definiu dois tipos possíveis de comparação: 1) Aquela que apresenta similaridades entre os fatos observados, ou seja, estudar sociedades separadas no tempo e no espaço por distâncias; 2) Estudar sociedades às vezes vizinhas e contemporâneas, constantemente influenciadas umas pelas outras. Deteremos nossas análises neste segundo tipo de comparação, escolhemos sociedades próximas, Estados Unidos, Inglaterra e França num mesmo contexto histórico, a Segunda Guerra Mundial.

Os manuais em meio a uma Guerra de ideias

A Segunda Guerra Mundial foi uma guerra moderna não só pelas novas armas e rapidez com que foi travada, mas também pelo uso de novos recursos para se vencer o conflito, uma grande mobilização, que incluía combates físicos e ideológicos. A esta guerra com significativa mobilização chama-se de Guerra total.

O segundo conflito mundial foi total em amplos sentidos, com enorme capacidade de mobilização material e humana. O holocausto^V praticado pelos nazistas, contava com sofisticada estrutura que incluía transportes, seleção, organização de busca. Em 1945, os norte-americanos lançaram as bombas atômicas sobre as cidades japonesas, demonstrando seu amplo poder de destruição e durante toda a Guerra, foram utilizados os melhores recursos tecnológicos disponíveis. Milhões de combatentes e trabalhadores, incluindo homens e mulheres foram recrutados. Tudo era produzido em grande escala e também destruído em massa. Assim, era total porque o inimigo deveria ser combatido e rendido até o final^{VI}.

Isso acabava exigindo de um soldado uma estrutura física, emocional e ideológica. Corpo e mente estavam totalmente ligados. Reconhecendo essa importância, os Aliados criaram verdadeiras estruturas de preparação para Guerra e investiram na “Guerra de ideias”, munindo a mente dos seus combatentes. Dentro dessa Guerra de ideias, estava a preocupação com os livros. Apesar de já terem sido usados em guerras anteriores, em nenhuma outra tiveram a mesma distribuição como na Segunda Guerra Mundial. Segundo Manning^{VII},

Diante de uma crise moral, de uma necessidade de educar os recrutas, sobre o porquê de estarem em treinamento, e de uma carência de livros didáticos modernos que permitissem que os mais ambiciosos estudassem e melhorassem sua patente, o Exército priorizou a modernização de seus acervos de livros.

Nos Estados Unidos, a partir do final de 1940, o Exército começou a planejar e adquirir dezenas de livros e construir bibliotecas nos campos de treinamento. Antes dos norte-americanos entrarem na Guerra, campanhas pedindo doações de obras eram feitas, chamadas de NDBC (Campanha Nacional de Defesa do Livro). Após a entrada dos estadunidenses a NDBC passou a se chamar *Victory Book Campaign* (VBC), uma alusão à entrada dos Estados Unidos na guerra.

Isso fazia parte de uma mudança na política externa norte-americana que em 1941, após o ataque a sua base em *Pearl Harbor*, decidiu entrar na Guerra. Até então, os norte-americanos tinham uma política isolacionista, ou seja, havia sido criada dentro da sociedade dos EUA a prática de não intervir em conflitos internacionais, mesmo com o presidente *Roosevelt* sendo a favor da entrada do país, o congresso e a opinião pública dos EUA possuíam uma política isolacionista bastante acentuada, desde a saída do país da Liga das Nações em 1920.

“DO’S AND DON’TS” - AS INSTRUÇÕES PARA SOLDADOS AMERICANOS E INGLESES NA II GUERRA MUNDIAL: UMA ANÁLISE COMPARATIVA (1942-1945)

ANAILZA GUIMARÃES COSTA

Isso acabou refletindo em seu posicionamento durante a Segunda Guerra Mundial, o de não participar ativamente e de permanecer até onde pôde, longe do conflito na Europa. No entanto, isso começou a mudar e já antes mesmo do ataque a sua base em *Pearl Harbor*, os norte-americanos começaram a tomar atitudes já indicando uma possível participação na Guerra.

As relações com os países da América Latina, por meio da chamada “Política da Boa Vizinhaça”, foram intensificadas e em 12 de agosto de 1941, os Estados Unidos se uniram através da Carta do Atlântico^{VIII} a Grã-Bretanha. Com isso, se iniciam nos EUA verdadeiras estruturas de preparação para Guerra.

Dentre elas estava a editora *Armend Services Editions* (ASE), que de 1943 até 1946 atuou nos Estados Unidos. Criada durante a Segunda Guerra se especializou em publicar livros para os soldados em campos, lançando um total de 1.200 títulos. Foi com a ASE que passou a serem utilizados os livros com formatos pequenos, os chamados livros de bolsos, com capa brochura, o que possibilitava com que o soldado pudesse carregar entre uma batalha e outra e, assim adaptando as publicações aos poucos recursos que a Guerra oferecia.

Na Grã-Bretanha, em 1945, os editores britânicos começaram a vender livros de capa brochura que tinha semelhança com o formato de livros da *Armend Services Editions*. Segundo a autora Molly G. Manning^{IX}, esses livros publicados pelas editoras britânicas podiam ser facilmente confundidos com os livros da ASE e suas publicações em muito se deram pela boa impressão que as obras dos norte-americanos deixaram com os soldados britânicos que tiveram a oportunidade de lê-las.

Para os combatentes, a leitura tinha significativa importância a ponto de muitos escreverem cartas às editoras agradecendo e pedindo por mais títulos. Os soldados liam enquanto esperavam para uma nova batalha, enquanto estavam debilitados se recuperando ou até mesmo como uma distração, já que a Guerra, além do esforço físico, exigia também o psicológico. Manning diz que,

Os livros desempenharam papel especial na guerra. Consolaram corações e mentes perturbados e conseguiram isso em áreas onde outros passatempos fracassaram. Eles eram a redenção para inúmeros combatentes, como confirmado em vários relatos de todos os fronts^X.

Os títulos que iam parar nas mãos dos soldados não eram escolhidos sem nenhum tipo de pretensão. Passavam por toda uma análise de um conselho que escolhia os conteúdos, como por exemplo, havia um cuidado com trechos que poderiam ser ofensivos aos aliados dos norte-americanos, que poderiam ajudar os inimigos, que entrassem em conflito com os ideais de democracia dos Estados Unidos ou que podiam ser ofensivos a grupos de minorias étnicas, raciais ou religiosos.

O conselho de livros chegou a promover títulos que esclarecessem os motivos do EUA estarem em Guerra, os valores que estavam em jogo. As obras selecionadas recebiam a etiqueta de *Imperative* (Fundamental) e todos os membros do conselho eram obrigados a divulgar esses livros como leitura obrigatória.

As publicações tinham uma atenção para não se destinarem apenas ao entretenimento e diversão. Ao mesmo tempo em que serviam para distração, informavam sobre a Guerra e incentivavam o soldado a continuar na luta contra o Eixo. Não eram histórias aleatórias, mas com um objetivo: o de munir todos os recursos possíveis para uma Guerra. “É a história de canetas que foram tão poderosas quanto baionetas”¹.

“DO’S AND DON’TS” - AS INSTRUÇÕES PARA SOLDADOS AMERICANOS E INGLESES NA II GUERRA MUNDIAL: UMA ANÁLISE COMPARATIVA (1942-1945)

ANAILZA GUIMARÃES COSTA

Os manuais estudados nessa pesquisa, *Instructions for American Servicemen in Britain (1942)* e *Instructions for British Servicemen in France (1944)*, estão inseridos nesse contexto de uma verdadeira preparação para o combate. Fizeram parte de uma estrutura, de uma Guerra de ideias criada para vencer o Eixo. O Departamento de Guerra dos Estados Unidos foi o responsável por criar a editora especializada em publicar livros para os combatentes, a *Armend Services Editions*, assim como, também foi responsável por criar o primeiro manual em 1942, o *Instructions for American Servicemen in Britain (1942)*.

Para os Aliados, era preciso preparar de todas as formas possíveis os soldados, o que incluía livros e manuais de Guerra. Ressaltamos que quando se trata de um conflito que teve proporções mundiais, como a Segunda Guerra, civis são convocados de várias classes sociais. Ou seja, pessoas que dificilmente teriam se imaginado lutando num conflito mundial, que não tinham preparo psicológico e que até mesmo nunca tinham saído de seu país. Pensando nisso, os Estados americano e britânico viram como necessário a criação de manuais de instruções para polir as ações dos soldados de acordo com os interesses do governo.

Os manuais norte-americanos e britânicos e suas formas

Um manual nada mais é que um folheto que ensina algo, desde como operar determinado instrumento, com os passos a serem seguidos, até ensinamentos de etiquetas e manuais de civilidade, que indicavam como o indivíduo deveria se comportar na sociedade. Os manuais de comportamento podem ser apontados como elementos auxiliares na conformação e difusão de normas de sociabilidade e no controle das emoções.

Para Cecchin e Cunha^{XI},

Os manuais procuram colocar à disposição dos leitores conselhos e regras que visariam transmitir cuidados que deveriam ser seguidos nos espaços públicos e privados, procurando internalizar, pela leitura, normas e preceitos de controle social tanto pela gestação de corpos e almas como por um conjunto de regras sobre como portar-se com dignidade, cortesia e elegância, próprias de uma existência civilizada.

Provavelmente, quando falamos em manuais de Guerra, imaginamos folhetos com instruções de combates e táticas militares para os fronts de conflito. Porém, os manuais estudados nessa pesquisa, foram ordens que indicavam como os soldados deveriam se comportar no país estrangeiro, no nosso caso Grã-Bretanha e França. Como diz o manual britânico, “este livro não aborda nenhum tipo de assunto referente a operações militares. Ele trata apenas da forma de vida dos civis franceses e como você deveria se comportar com essa população”^{XII}.

O manual norte-americano têm o mesmo objetivo, como vemos logo no prefácio:

Foi emitido pelo departamento de guerra dos Estados Unidos em 1942 e distribuído para os soldados americanos que se dirigiam a Grã-Bretanha para prepararam-se para invasão da Europa ocupada. Muitos deles nunca haviam viajado para o exterior e este panfleto visou cercá-los de dicas para ajudar estes jovens para uma vida diferente do país de origem e também tentar orientá-los e preveni-los de atritos e mal entendidos entre a população local de destino^{XIII}.

Como observamos, se tratam de ordens de comportamento dadas pelo Estado, as ordens que os soldados deveriam seguir. Como a maioria dos que foram lutar na Guerra eram

“DO’S AND DON’TS” - AS INSTRUÇÕES PARA SOLDADOS AMERICANOS E INGLESES NA II GUERRA MUNDIAL: UMA ANÁLISE COMPARATIVA (1942-1945)

ANAILZA GUIMARÃES COSTA

civis, vários nem conheciam um país estrangeiro. Molly G. Manning^{xiv}, diz que muitos eram almas despreparadas e inexperientes, que tiveram de enfrentar uma combinação assustadora de treinamento intensivo, instalações precárias e tédio, ou seja, precisavam lidar com o desconhecido.

As reproduções fac-similares dos manuais estudadas nessa pesquisa foram publicadas pela editora *Bodleian Library*, biblioteca da Universidade de Oxford. Ambos manuais podem ser adquiridos no *Imperial War Museum*, pelo site da editora, ou alguns sites de vendas de livros.^{xv}

O manual *Instructions for American Servicemen in Britain (1942)*, publicado em 2004, contém 31 páginas, peso de 100g, com idioma em inglês e dimensões 11,4 x 0,9 x 15,2, em formato de livro de bolso. Não possui imagens, é de capa dura, lisa, simples e título escrito em letras maiores em negrito. Pode ser facilmente portado pelo leitor, considerando o volume diminuto e a facilidade de manuseio. É dividido em cinco capítulos, mais um prefácio, introdução e a última parte contém uma tabela de índices da moeda britânica. Os capítulos se dividem em: “O país”, “O povo – costumes e modos”, “Britânicos na Guerra”, “Linguagem americana X inglesa”, “Alguns pontos importantes (faça e não faça)” e “Tabela da moeda britânica”^{xvi}.

Cada capítulo é subdividido em tópicos, todos com textos pequenos e diretos, como, por exemplo, no capítulo “O país”, encontramos os subtítulos “Idade em vez de tamanho”, “Lembre-se de que existe uma Guerra em andamento”, A Grã-Bretanha é o berço da democracia^{xvii}.

Já o manual, *Instructions for British Servicemen in France (1944)*, também chamado como Guia de sobrevivência para soldados na França^{xviii}, foi produzido em 1944 pelo Escritório Executivo Guerra Política e emitido pelo Ministério das Relações Exteriores de Londres. Foi publicado em 2005, possui 56 páginas, dividido em um prefácio e mais 15 capítulos e por último, figuras de sinais de placas de trânsito da Grã-Bretanha. Possui o idioma em inglês e dimensões 11,4 x 0,9 x 15,2, também com formato de livro de bolso, capa dura lisa e simples com o título escrito em letras maiores em negrito. Assim como o manual norte-americano, pode ser facilmente portado consigo pelo leitor, por ser pequeno e de fácil manuseio.

Está dividido nos seguintes capítulos: “França, O que significa a ocupação”, “O país”, “A formação da França”, “O que o povo francês gosta”, “Como é governada”, “O que pensam de nós”, “Sua vida no país”, “Moeda”, “O que fazer, não fazer”, “Se fazendo entender”, “Palavras e frases”, “Pesos e medidas”, “Segurança” e, por último, “Sinalização”^{xix}. Em cada capítulo, também temos subtítulos, como por exemplo, no capítulo “Sua vida no país”, está dividido em: “Comida”, “Bebida”, “Mulheres”, “Divertimento”, “Esportes”, “A regra da estrada” e “Comportamento”^{xx}.

Nesses dois manuais, utilizam a estratégia de um direcionamento ao leitor, no caso aos soldados, como observamos no manual norte-americano e no manual britânico, respectivamente:

VOCÊ está indo para Grã-Bretanha como aliado ofensivo- você
será convidado britânico para encontrar Hitler e abatê-lo em seu próprio território
[...] você derrota a propaganda inimiga não negando as diferenças existentes, mas
sim as admitindo abertamente [...] VOCÊ vai descobrir que a Inglaterra é um país
muito pequeno^{xxi}.

Um nova frente esta se dirigindo para França, e isso inclui você. Você irá
pessoalmente ajudar a retirar os alemães desse país e mandá-los de volta para o lugar
a que eles pertencem [...] você provavelmente não esta encontrando os franceses

“DO’S AND DON’TS” - AS INSTRUÇÕES PARA SOLDADOS AMERICANOS E INGLESES NA II GUERRA MUNDIAL: UMA ANÁLISE COMPARATIVA (1942-1945)

ANAILZA GUIMARÃES COSTA

pela primeira vez [...] você pode estar certo de que os franceses irão reconquistar a liberdade^{XXII}.

Notamos em ambos os casos o uso do pronome na segunda pessoa, “você”, o que dá um tom de maior carga e prescrição nas instruções e passa a ideia de que o soldado era responsável direto para vencer o inimigo, indicando claramente um direcionamento nas ordens. Estas ordens tinham o objetivo de transformar atitudes e comportamentos através da mobilização da palavra escrita.

Dessa maneira, já que a Segunda Guerra foi travada em vários campos de batalha, inclusive através das ideias difundidas, já podemos perceber os manuais *Instructions for American Servicemen in Britain (1942)* e *Instructions for British Servicemen in France (1944)* como instrumentos educacionais. Porém, o que era educar para Guerra segundo os manuais norte-americano e britânico? Analisaremos inicialmente o particular de cada um, ou seja, o que foi educar para soldados em Guerra para o Estado norte-americano e para o Estado britânico.

A educação proposta nos manuais

Quando pensamos em educação logo nos vem à mente o ambiente escolar, com um professor à frente ensinando uma matéria e alunos sentados em carteiras assimilando um conhecimento. Essa é geralmente a primeira imagem que nos vem quando se trata da educação. No entanto, se formos para um conceito do que seria a educação, encontramos um campo mais amplo, que não se trata apenas da instituição escolar, ou da educação escolar em sentido estrito, ou, ainda, das práticas escolares e da cultura material dessa instituição de modo específico.

Assim, podemos considerar a educação para além da instrução e do ensino delimitados ao espaço institucional escolar, dos vínculos e afinidades eletivas com essa instituição e com as formas específicas de educação que se processam em seu interior.

Utilizaremos as ideias sobre educação de Immanuel Kant, entendendo-a como uma educação moderna e relacionando-a a disciplina e formação. Kant define a educação como disciplina e instrução. Segundo o filósofo, a disciplina transforma a animalidade em humanidade. É o tratamento através do qual o homem é retirado da selvageria. Por meio da disciplina o homem é submetido às leis da humanidade e começa a perceber a força das próprias leis. Kant diz que a *instrução* unida à disciplina, resultaria na formação do indivíduo^{XXIII}.

Nesta educação, para Kant, o homem deve ser: 1) disciplinado, ou seja, dominar a selvageria; 2) tornar-se culto, isto é, ter instrução e vários conhecimentos; 3) cuidar para o que o homem seja prudente, para que ele permaneça em seu lugar na sociedade e que seja querido e tenha influência e 4) deve cuidar da moralização, não bastando que o homem seja capaz de toda sorte de fins, mas que ele consiga a disposição de escolher apenas os bons fins^{XXIV}.

Kant fala também a respeito da *prudência*, relacionada à civilidade, isto é, à prática de gentilezas e certos modos corteses necessários ao convívio social. A *moralidade* diz respeito à consolidação do caráter. Essa moralidade é composta quase que exclusivamente por deveres. Sendo assim, o educando deve agir segundo suas próprias máximas, e não por simples hábitos. Que ele não faça simplesmente o bem, “mas o faça porque é bem em si. Com efeito, todo valor moral das ações reside nas máximas do bem”.

Dessa maneira, observamos que a educação não está limitada dentro das escolas. Ela é um processo de formação do homem, que envolve a polidez, cortesia, instrução e disciplina. Implica a inserção dos indivíduos no social para além do universo escolar. No que diz respeito

“DO’S AND DON’TS” - AS INSTRUÇÕES PARA SOLDADOS AMERICANOS E INGLESES NA II GUERRA MUNDIAL: UMA ANÁLISE COMPARATIVA (1942-1945)

ANAILZA GUIMARÃES COSTA

às instruções nos manuais estudados neste trabalho, os soldados serão instruídos a terem disciplina em todos seus atos, a inculcarem as instruções não como simples hábitos, mas internalizarem em suas atitudes. Além disso, serão alertados a serem prudentes e morais, tudo de acordo com o pensamento idealizado pelo Estado.

Pensando na Guerra, encontramos um cenário que exigiu um modo próprio de ensinar condutas para atender as necessidades do Estado, ou seja, as instruções eram uma estratégia de controle social, servindo para alcançar padrões de comportamentos idealizados pelos governos. Os manuais *Instructions for American Servicemen in Britain (1942)* e *Instructions for British Servicemen in France (1944)*, foram usados como cartilhas pedagógicas que instruíam os soldados as ordens indicadas pelo Estado.

Norbert Elias, no diz que,

O controle efetuado através de terceiras pessoas é convertido, de vários aspectos, em autocontrole, que as atividades humanas mais animais são progressivamente excluídas do palco da vida comunal e investidas de sentimentos de vergonha, que a regulação de toda vida instintiva e afetiva por um firme autocontrole se torna cada vez mais estável, uniforme e generalizada^{xxv}.

No caso dos soldados, a fim do Estado educar para Guerra, utilizou-se das instruções dadas aos combatentes por meio dos manuais de Guerra para formar estes tipos de sujeitos ideais e atender as demandas de uma Guerra moderna. Assim, os manuais foram utilizados como um controle ideológico incentivando aos soldados ao autocontrole de seus hábitos, a fim de polirem seus comportamentos.

Nós percebemos esses folhetos como textos possibilitadores a um direcionamento, com intuito de moldar posturas. Mesmo sendo breves, sabem serem profundos na transparência das normas, condutas e na clareza de ideias. Não pretendemos analisar se estas ordens foram ou não incorporadas, mas perceber esses manuais como textos pedagógicos, pois, como diz Roger Chartier^{xxvi},

No cruzamento das artes de ler com as artes de escrever, ou seja, na relação entre as normas propostas à leitura e as práticas incorporadas pela via escrita, o diagnóstico é sempre arriscado porque o livro feito para ser lido, nem sempre o é, pois, do prescrito ao realizado as apropriações pode ser múltiplas e singulares.

Seguiremos o válido conselho do historiador Marc Bloch^{xxvii}, quando diz que os documentos só falam se soubermos lê-los, interrogá-los e provocá-los. Assim, veremos a educação proposta pelo Estado norte-americano e britânico.

A educação do soldado cidadão norte-americano

Inicialmente observamos que a forma do Estado ensinar a ser soldado cidadão cosmopolita através dos manuais tinha direções específicas. Para quem iria atuar na Grã-Bretanha era um manual e para quem iria atuar na França outro. Os Aliados poderiam ter adotado simplesmente um manual geral de instruções para os soldados, entretanto, este não iria conter as especificidades de cada país, a cultura, política, moeda, preferências e nem a história.

Dessa maneira, se ensinava a ser o soldado cidadão cosmopolita para o Estado norte-americano através de ordens direcionadas, claras e diretas, para que pudessem dar aos

“DO’S AND DON’TS” - AS INSTRUÇÕES PARA SOLDADOS AMERICANOS E INGLESES NA II GUERRA MUNDIAL: UMA ANÁLISE COMPARATIVA (1942-1945)

ANAILZA GUIMARÃES COSTA

combatentes norte-americanos a visão mais clara possível dos costumes britânicos e de como os soldados deveriam se portar diante disso. Todas as informações que pudessem acrescentar sobre os costumes, normas britânicas deveriam ser estudadas pelos soldados:

Embora você leia em muitos jornais e papéis sobre lordes e senhores, a Inglaterra é ainda um dos maiores berços da democracia e também o berço da liberdade americana. Algumas leis e regras pessoais dos reis já estão extintas há milhares de anos. Hoje o rei reina, mas não governa. O povo britânico tem grande apreço pelo monarca, mas tem retirado dele praticamente todo poder político. Hoje o poder do rei tem sido transferido para o parlamento, o primeiro ministro e seu gabinete. O parlamento britânico tem sido chamado de mãe de todos os parlamentos porque quase todos os corpos representativos do mundo tem copiado o modelo britânico^{XXVIII}.

O manual *Instructions for American Servicemen in Britain 1942*, também serviu como propaganda para os soldados norte-americanos venderem a autoimagem estadunidense. Eles eram alertados que estavam representando o seu país e que seu comportamento refletiria a forma como os britânicos pensariam dos norte-americanos, portanto, o manual alerta para uma atenção ao que iria dizer:

Mais uma vez: pense, ouça, aprenda antes de começar a contar aos britânicos o quanto você acha que somos melhores nas coisas que fazemos. Eles irão estar interessados na vida americana, vão gostar de saber mais a respeito disso; é uma boa oportunidade para desmistificar a imagem de índios selvagens e gangster que é mostrada nos filmes americanos^{XXIX}.

A maneira de ensinar o cidadão soldado cosmopolita deveria, além de fazer vencer a Guerra, manter as características de cada um. O manual *Instructions for American Servicemen in Britain 1942*, reconhecia que o inimigo era comum, mas a cultura entre os Aliados não. Assim, distinguia as diferenças entre britânicos e norte-americanos:

Você derrota a propaganda inimiga não negando as diferenças existentes, mas sim as admitindo abertamente e então tentando entendê-las, por exemplo: os britânicos são frequentemente bastante reservados em sua conduta. Numa pequena, mas, populosa ilha onde 45 milhões de pessoas vivem, cada pessoa aprende a preservar sua privacidade com muito cuidado e principalmente a não invadir a privacidade dos outros; portanto se britânicos sentam nos trens ou ônibus sem conversar com você, não significa que eles são mal educados ou antissociais, mas provavelmente para não te incomodar ou parecer intruso; mas eles estão prestando atenção em você, muito, mas do que você imagina^{XXX}.

O soldado norte-americano precisava antes de tudo, ser verdadeiramente um Aliado. Em todo manual está presente a preocupação com a união entre os países. Por mais que a cultura fosse diferente, por mais que os combatentes estadunidenses tivessem em um país desconhecido, todas as ordens no fim tinham o objetivo de orientá-los, sobretudo, a manter a união entre eles.

Afinal, “é inevitável, sem dúvida, que duas nações tão diferentes, a despeito dos ideais comuns que as animam, tenham dificuldades para se conhecer, se compreender e, conseqüentemente, se estimar”^{XXXI}. O historiador nos disse essas palavras com respeito à relação entre ingleses e franceses durante a Segunda Guerra, porém, se adequa também a relação entre os Estados Unidos e Grã-Bretanha, países com histórias que se ligaram em alguns momentos, mas nações com costumes e culturas diferentes.

Pensando nessa união, apesar das rixas históricas, o manual adverte no tópico “Sem tempo para guerras antigas”:

Se você vem de uma família americana-irlandesa, você deve pensar nos ingleses como perseguidores dos americanos e que estes lutaram contra nós na revolução e na guerra de 1812, mas não há tempo agora para velhas brigas ou queixas. Não

“DO’S AND DON’TS” - AS INSTRUÇÕES PARA SOLDADOS AMERICANOS E INGLESES NA II GUERRA MUNDIAL: UMA ANÁLISE COMPARATIVA (1942-1945)

ANAILZA GUIMARÃES COSTA

devemos nos importar mais de que lado nossos avós lutaram na guerra civil porque não tem mais significado para nós^{XXXII}.

Para o Estado norte-americano, através dos manuais, utilizou-se da estratégia de orientar os soldados por meio de regras claras, diretas e específicas, bem direcionadas aos soldados que foram lutar na Grã-Bretanha. Reconhecia-se que o inimigo era o mesmo, mas a cultura não, por isso, teve ordens com o objetivo de manter a união entre os combatentes com a população local de destino.

O soldado cosmopolita deveria saber como funcionava a política dos britânicos. Como nos Estados Unidos o sistema político era e ainda é o presidencialismo e na Grã-Bretanha uma Monarquia com um rei e rainha, o governo norte-americano para impedir qualquer tipo de crítica, advertia que a Grã-Bretanha é o berço da democracia e que o rei reina, mas não governa. Entretanto, alertava aos soldados norte-americanos que o povo britânico tinha muito apressado pelos monarcas. Por isso, o folheto aponta para a cordialidade:

Evite comentários sobre o governo britânico ou a política. Não tente dizer aos britânicos que os Estados Unidos ganharam a última guerra e não fiquem falando sobre as dívidas de guerra ou as derrotas britânicas. NUNCA critique o rei ou a rainha^{XXXIII}.

Em cada capítulo, percebemos ordens claras que mostra que o Estado direcionava para um soldado cordial. No segundo, intitulado de “O povo – costumes e maneiras”, mais uma vez o governo colocava semelhanças entre ambos os países, mas também advertia para as diferenças de costumes não deixarem o soldado norte-americano como o mal educado. Diferenças como, que os britânicos dirigem do lado direito, não do esquerdo ou que bebem cerveja quente. Além disso, não bastava ser soldado aliado, o norte-americano precisava ser amigo. O manual dá orientações nesse sentido, como podemos observar:

A melhor maneira de se dar bem na Grã-Bretanha é muito semelhante com a maneira americana. A mesma fonte de cortesia, decência e cordialidade que se adequa na América se adequará na Grã-Bretanha. Os britânicos têm visto o lado bom da América e gostam dos americanos. Eles vão apreciar a franqueza e cordialidade e esperam também generosidade. Eles não são de dar tapinhas nas costas e são tímidos em demonstrar sentimentos. Mas, uma vez se tornando seu amigo, será o melhor do mundo^{XXXIV}.

Como um bom “visitante” que não conhece o país para o qual será enviado, o combatente norte-americano, para o Estado, precisava saber quais entretenimentos os britânicos gostavam e quais as atrações eram mais comuns na Grã-Bretanha. Além de conhecer, eles também precisavam ser companheiros nos esportes. Por isso, o manual informa que em relação aos esportes, os britânicos são bem entusiasmados, gostam de jogar tiro ao alvo, equitação, aposta em corrida de cavalos, caça, pesca e futebol. No entanto, adverte que se o soldado norte-americano estiver num jogo, devem ter cuidado para não insultar os britânicos com expressões de jogo que são comuns nos Estados Unidos.

A fim de moldar esse soldado cidadão, o manual orienta que os combatentes fiquem fora de discussão e pedem que não sejam críticos em relação à Guerra. Ainda exorta, “no *pubs* você vai ouvir conversas dos cidadãos de críticas ao governo e da conduta da guerra. Não dê opinião sobre tais assunto. Não se intrometa; isso é assunto deles e não seu”.^{XXXV}

Sobre a comida em tempos de Guerra, o folheto instrui o soldado:

Se você é convidado para jantar em alguma casa e a comida é posta a mesa: lembre-se que aquilo pode ser a ração de toda uma semana daquela família. Eles colocaram à mesa apenas para serem hospitaleiros. Então seja razoável e não esbanje.^{XXXVI}

“DO’S AND DON’TS” - AS INSTRUÇÕES PARA SOLDADOS AMERICANOS E INGLESES NA II GUERRA MUNDIAL: UMA ANÁLISE COMPARATIVA (1942-1945)

ANAILZA GUIMARÃES COSTA

Dessa maneira, o Estado norte-americano ensinava ao soldado a ser o cidadão soldado cosmopolita cordial. Aquele que não deveria criticar em hipótese alguma qualquer costume, cultura, língua, política, história e táticas de Guerra. Deveria ser além de soldado, amigo, que frequentaria os mesmos lugares que os britânicos, beberiam sua bebida, praticaria os mesmos esportes, iria à igreja, não faria piadas em nenhuma circunstância e deveria ter a consciência de que estavam numa Guerra, portanto, compreenderem a situação da Grã-Bretanha com o racionamento e falta de itens básicos, como combustíveis e comida. Para os soldados britânicos, também existiram formas de se ensinar, como veremos a seguir.

A educação do soldado cidadão britânico

No caso do manual dado aos soldados britânicos que se dirigiam para França, o *Instructions for British Servicemen in France 1944*, observamos estratégias de se ensinar a ser o cidadão soldado semelhantes, com algumas diferenças adaptadas por causa do contexto histórico da França ocupada pelos alemães desde 1940, e a percepção de adaptar as ordens à história, política e cultura do povo francês.

Sobre a ocupação, Riding diz,

A ocupação de Paris de fato ocorreu de forma quase silenciosa. A cidade perdera 60% da sua população e, exceto pelos veículos alemães, suas ruas se encontrava, desertas. (...) A suástica foi hasteada nos locais onde antes tremulava a bandeira da França, inclusive no alto da Torre Eiffel^{XXXVII}.

De fato, sobre ocupação da França, há bastante debates e existia uma crítica real a verdadeira resistência francesa e críticas as táticas militares. Entretanto, no manual essas críticas não são expostas e o que vemos é justamente o contrário, um forte incentivo para que os soldados britânicos se mantivessem unidos ao povo francês, para que não houvessem tipos de comentários depreciativos em relação aos soldados franceses:

A frequente referência aos eventos de 1940 refletem a importância de ressaltar e formar opiniões dos britânicos em relação aos franceses e a França, seu modo de vida, cultura fazendo assim que todos se tornem aliados^{XXXVIII}.

Diante de uma população com ânimo baixo, os nazistas se aproveitavam para infiltrar suas ideias dentro da França e cabia aos livretos orientar os soldados a ficarem alertas contra as intrigas pregadas pelos alemães.

As páginas que se seguem são dedicadas aos franceses e não aos alemães que têm sido de um comportamento de mau trato em muitos países, mas na França eles têm usado a estratégia de um melhor comportamento para tentar conquistá-los para a nova ordem nazista pela Europa. Mas isso é apenas parte de um plano. O francês não tem sido vencido nem convencido disso. Eles sabem bem o que essa nova ordem significa e toda dor e crueldade que ela tem causado. A única coisa que eles almejam é ver os alemães e sua nova ordem fora de seu país e bem longe.^{XXXIX}

Dessa forma, assim como no manual norte-americano, a união é incentivada no o tempo todo, reconhecendo que para se vencer a Guerra contra Hitler, era preciso esquecer rixas antigas, aprender a conviver em meio às discórdias implantadas pelos alemães, respeitar o seu aliado com suas diferenças culturais e permanecerem juntos no mesmo objetivo:

Portanto devemos retribuir com toda gentileza possível porque eles têm ariscado a vida por nós. E a luta não é só deles, mas de todos que se aliaram contra Hitler. Devemos lembrar que temos uma luta juntos no solo francês e que os cemitérios britânicos são uma lembrança constante do que esses dois países têm sofrido^{XL}.

“DO’S AND DON’TS” - AS INSTRUÇÕES PARA SOLDADOS AMERICANOS E INGLESES NA II GUERRA MUNDIAL: UMA ANÁLISE COMPARATIVA (1942-1945)

ANAILZA GUIMARÃES COSTA

O Estado britânico, orientava os soldados a propagandear a autoimagem dos britânicos. Terem soldados cidadãos cosmopolitas, representava o país na busca pelos ideais de liberdade, colocava os britânicos como aqueles que iriam ajudar a retirar os inimigos do território francês. Pelo fato da Grã-Bretanha estar ocupada pelos alemães, traz algumas mudanças nas ordens de comportamento, algumas adaptações. Além do soldado cordial cosmopolita, o soldado britânico também precisava ser o soldado cuidadoso, que iria enfrentar Hitler mais de perto e ajudar a salvar os franceses,

Você irá pessoalmente ajudar a retirar os alemães desse país e mandá-los de volta para o lugar a que eles pertencem. Você provavelmente não está encontrando os franceses pela primeira vez, mas com certeza encontrando franceses invadidos e subjugados ao domínio alemão por mais de sete anos. Tenha isso em mente e aprenda o que isso significa^{XL1}

O soldado britânico também era instruído a ser altruísta, devendo lembrar que os franceses estavam passando por muitas privações sob o domínio alemão e que isso poderia afetar a forma como eles receberiam os britânicos, mas que os combatentes não levassem isso em conta. O folheto instrui que eles deveriam tratar os franceses como eles tratariam uma frota amiga em seu território, devendo usar sempre seu bom senso. Isso incluía compreender as necessidades que os franceses estavam passando e por isso, de acordo com o manual, não deveriam, por exemplo:

Comprar comida de uma fazenda, pois significa muitas vezes, tirar a oportunidade de uma criança conseguir comida. Além disso, comprar comida e conseguir coisas no mercado negro significa privar os pobres de conseguir qualquer alimento, prejudica ainda mais a distribuição normal de rações e a oportunidade de algum tipo de alimento chegar a pobres e crianças^{XLII}.

Ainda o comportamento em relação às mulheres francesas, o manual instrui:

Mulheres francesas, jovens ou idosas não são muito fechadas nem tímidas e se você for uma pessoa de bom senso se torne amigo delas, mas não confunda amizade com troca de favores ou qualquer tipo de intimidade e disposição para outros assuntos [...] os pais, irmãos e noivos estão longe lutando para defendê-las, portanto, o seu comportamento e respeito deve ser direcionado a elas da mesma forma que vocês gostariam que fossem respeitadas suas mulheres e filhas. Se não o fizer terá sua reputação afetada principalmente como soldado^{XLIII}.

Dessa forma, o Estado educava através do manual, a ser o cidadão soldado britânico cordial no trato com os franceses, bem informado a respeito da História, geografia, clima, política, costumes, entretenimento, comida, bebida, em como deveria tratar as mulheres, ser respeitoso, ser compreensível com as condições da França numa Guerra ocupada pelos alemães desde 1940 e estar alerta com a falsa propaganda alemã, sendo ensinados a manterem a união entre eles.

Considerações Finais

A II Guerra Mundial para além de uma guerra sangrenta, com novos tipos de armamentos, bombas, foi também uma Guerra de ideias. Os Aliados lançaram diversos livros para combater o preconceito, a intolerância, a crueldade, estimular seus soldados a vitória e também moldá-los, instruí-los. Foi nessa perspectiva que surgiram os manuais dados aos soldados Aliados durante a II Guerra. Eram manuais com claro intuito de unir os combatentes, de tentar diminuir a distância entre as culturas diferentes e de incutir neles o sentimento de ajuda mútua, fazendo parte de uma estratégia de Guerra.

“DO’S AND DON’TS” - AS INSTRUÇÕES PARA SOLDADOS AMERICANOS E INGLESES NA II GUERRA MUNDIAL: UMA ANÁLISE COMPARATIVA (1942-1945)

ANAILZA GUIMARÃES COSTA

Nos manuais de instrução *Instructions for British Servicemen in France e Instructions for British Servicemen in France* vemos claramente em ambos a preocupação central em alertar os soldados para as diferenças culturais e preconceitos que poderiam prejudicar a união entre os países. A História, a política, a moeda, os locais de diversão, o que fazer e não fazer, tudo isso foi abordado, a fim de que o soldado seguisse o comportamento que era idealizado pelo governo.

Os soldados que foram para Guerra em sua maioria eram civis, não tinham ainda enfrentado um campo de frente de batalha. Esse foi um dos motivos que levaram os países Aliados, sobretudo os Estado Unidos, a criar verdadeiras estruturas para prover de livros seus soldados. Campanhas de doações de livros foram feitas, editoras como a *Armend Services Editions* se especializaram em publicações para os frentes de guerra.

Os Estados britânico e norte-americano através dos manuais procuraram polir, moldar o comportamento dos soldados, exercendo um controle através da mobilização da palavra escrita. Estes soldados, além de fazerem vencer a Guerra, foram instruídos a serem soldados cidadãos cosmopolitas, que deveriam vender a autoimagem de países civilizados, unidos, mesmo durante uma Guerra que de destruição total.

Notas

^I Graduada em História (UFS), mestranda do Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGED/UFS), Bolsista CAPES. Integrante do Grupo de Estudos do Tempo Presente (GET/UFS/CNPq). E-mail: anailza@getempo.org. Orientador: Dr. Dilton Cândido Santos Maynard (DHI/UFS).

^{II} BARROS, José D' Assunção. História Comparada – Um novo modo de ver e fazer a história. **Revista de História Comparada**. Vol. 01, número 01, jun./2007.

^{III} Bloch, Marc. Por una historia comparada de las sociedades europeas. In: GODOY, Gigi; HOURCADE, Eduardo. **Marc Bloch: una historia viva**. Estudio preliminar y seleccion de textos. Buenos Aires: Centro Editor de América Latina, 1992.

^{IV} Idem.

^V O Holocausto foi à política nazista de extermínio dos judeus perpetrada na Europa, que culminou na morte de cerca de seis milhões de judeus em campos de concentração espalhados pelo leste europeu. O holocausto foi o ápice da radicalização fascista pelos nazistas, propiciado pelo ódio de Adolf Hitler aos judeus e também pelos seus subordinados cuja participação nas ações cada vez mais violentas contra os judeus foram decisivas para que o mecanismo funcionasse (PAXTON, 2007, p. 260).

^{VI} TOTA, Pedro. Segunda Guerra Mundial. IN: MAGNOLI, Demétrio. Histórias das Guerras Org. **História das Guerras**. São Paulo: Contexto, 2011.

^{VII} MANNING G. Molly, **Quando os livros foram à Guerra: as Histórias que ajudaram os Aliados a vencer a Segunda Guerra Mundial**. Tradução: Carlos Szlak, Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2015.

^{VIII} A Carta do Atlântico foi uma declaração conjunta feita em 12 de agosto de 1941 pelo presidente dos Estados Unidos, Roosevelt, e pelo primeiro ministro da Grã-Bretanha, Winston Churchill. Continha princípios comuns de política nacional de seus respectivos países (CHURCHILL, 2012).

^{IX} Idem.

^X Idem.

^{XI} CECCHIN, Cristiane; CUNHA, Maria Teresa Santos. Tenha modos! Educação e sociabilidades em Manuais de Civilidade e Etiqueta (1900 – 1960). **X Simpósio Internacional: O Processo Civilizador**. ISBN: 978-85-99688-02-1. Campinas, 2007.

“DO’S AND DON’TS” - AS INSTRUÇÕES PARA SOLDADOS AMERICANOS E INGLESES NA II GUERRA MUNDIAL: UMA ANÁLISE COMPARATIVA (1942-1945)

ANAILZA GUIMARÃES COSTA

^{xii} Do original: “This book has nothing to do with military operations. It deals only with civilian life in France and with the way you should behave to the French civilian population”. **Instructions for British Servicemen in France**. London: The Political Warfare Executive/The Foreign Office, 1944, p.02.

^{xiii} Do original: “It was issued by the United States War Department in 1942 and distributed to American servicemen who were going to Britain to prepare for the invasion of occupied Europe. Many of them had never been abroad before, and this pamphlet’s avowed aim was to prepare these young American GIs for the life in a very different country and to try and prevent any friction between them and the local populace” **Instructions for American Servicemen in Britain**. USA; War Department, 1942, p. 01.

^{xiv} MANNING G. Molly, **Quando os livros foram à Guerra: as Histórias que ajudaram os Aliados a vencer a Segunda Guerra Mundial**. Tradução: Carlos Szlak, Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2015.

^{xv} Encontramos no site Amazon.com.br (https://www.amazon.com.br/ref=nav_logo) apenas a versão em inglês do manual *Instructions for American Servicemen in Britain 1942*. No site Amazon try prime (<https://www.amazon.com/Instructions-British-Servicemen-France-1944/dp/1851243356>) o manual norte-americano e o britânico, o *Instructions for British Servicemen in France 1944* também em inglês.

^{xvi} Do original: “The Country, The People – Their Customs and Manner’s, Britain at War, English Versus American Language, Some Important Do’s and Don’ts e Table of British Currency””. **Instructions for American Servicemen in Britain**. USA; War Department, 1942.

^{xvii} Do original: “Age instead of size, remember there’s a war on, Britain the cradle of democracy”. Idem

^{xviii}. Do original: “Soldiers Guide to France”. **Instructions for British Servicemen in France**. London: The Political Warfare Executive/The Foreign Office, 1944.

^{xix} Do original: “France, What Occupation Has Meant, The Country, The Making of France, What are the French people like?, How France was governed, What do the French think of Us?, Your own life in the country, Money, Do’s, Don’ts, Making yourself understood, words and phrases, weights and measures, security note e road signs”. Idem.

^{xx} Do original: “Food”, “Drink”, “Women”, “Entertainment”, “Sports”, “The rule of the road” e “Behaviour”. Idem.

^{xxi} Do original: “YOU are going to Great Britain as part of an Allied offensive – to meet Hitler and beat him on his own ground. For the time being you will be Britain’s guest. [...] You defeat enemy propaganda not by admitting them openly and then trying to understand them [...] YOU will find out right away that England is a small country”. (**Instructions for American Servicemen in Britain**. USA; War Department, 1942, p. 3).

^{xxii} Do original: “A NEW B.E.F., which includes you, is going to France. You are to assist personally in pushing the Germans out of France and back where they belong. In the process, you will meet the French, maybe not for the first time, be seeing a country which has been subjected to German occupation for several years” (**Instructions for British Servicemen in France**. London: The Political Warfare Executive/The Foreign Office, 1944, p. 4).

^{xxiii} KANT, Immanuel. **Sobre a pedagogia**. Tradução: Francisco Cock Fontanella. Piracicaba: Editora Unimep, 1996.

^{xxiv} Idem;

^{xxv} ELIAS, Norbert. Sobre a sociogênese do Estado. In: ELIAS, Norbert. O processo civilizador: formação do Estado e civilização. V. 2. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. 1993. p. 193-206.

^{xxvi} CHARTIER, Roger. **As utilizações dos objetos impresso**. Lisboa: Difel, 1998.

^{xxvii} Bloch, Marc. **Apologia da História**. Tradução: André Teles. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

^{xxviii} Do original: “Although you’ll read in the papers about “lords” and “sirs”, England is still one of the great democracies and the cradle of many American liberties. Personal rule by the Kings has been dead in England for nearly a thousand years. Today the King reigns, but does not govern. The British people have great affection for their monarch but they have stripped him of practically all political power. Today the old power of the King has been shifted to Parliament, the Prime Minister, and his Cabinet. The British Parliament has been called the mother of parliaments, because almost all the representative bodies in the world have been copied from it” (Idem, p. 12 e 13).

^{xxix} Do original: “Once again, look, listen, and learn before you start telling the British how much better we do things. They will be interested to hear about life in America and you have a great chance to overcome the picture many of them have gotten from the movies of an America made up of wild Indians and gangsters. When you

“DO’S AND DON’TS” - AS INSTRUÇÕES PARA SOLDADOS AMERICANOS E INGLESES NA II GUERRA MUNDIAL: UMA ANÁLISE COMPARATIVA (1942-1945)

ANAILZA GUIMARÃES COSTA

find differences between British and American ways of doing things, there is usually a good reason for them” (Idem, p. 19 e 20).

^{XXX} Do original: “You defeat enemy propaganda not by denying that these differences exist, but by admitting them openly and then trying to understand them. For instance: The British are often more reserved in conduct than we. On a small crowded island where forty-five million people live, each man learns to guard his privacy carefully – and is equally carefull not to invade another man’s privacy” (Idem, p. 04 e 05).

^{XXXI} BLOCH, Marc. **A Estranha Derrota**. Tradução: Eliana Aguiar. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.

^{XXXII} Do original: “If you come from an Irish-American familiarly, you many think of them as enemy Redcoats who fought against us in the American Revolution and the War of 1812. Bu there is no time today to fight old wars over again or bring up old grievances. We don’t worry about which side our grandfathers fought on in the Civil War, because it doesn’t mean anything now” (Idem, p.04).

^{XXXIII} Do original: “Avoid comments on the British Government or politics. Don't try to tell the British that America won the last war or make wisecracks about the war debts or about British defeats in this war. NEVER criticize the King or Queen” **Idem**, p. 29.

^{XXXIV} Do original: “THE BEST WAY to get on in Britain is very much the same as the best way to get on in America. The same sort of courtesy and decency and friendliness that go over big in America will go over big in Britain. The British have seen a good many Americans and they like Americans. They will like your frankness as long as it is friendly. They will expect you to be generous. They are not given to back-slapping and they are shy about showing their affections. But once they get to like you they make the best friends in the world” **Idem**, p. 14.

^{XXXV} Do original: “In the pubs you will hear lotto of Britons openly criticizing their government and the conduct of the war. That isn’t an occasion for you to put in your two-cents worth”. **Idem**, p.19.

^{XXXVI} Do original: “one thing to be careful about – if you are invited into a British home and the host exhorts you “eat up there’s plenty on the table”, go easy. It may be the family’s rations for a whole week spread out show their hospitality” **Idem**, p. 24.

^{XXXVII} RIDING, Alan. Paris – **A Festa Continuuu**: A vida cultural durante a ocupação nazista (1940-4). Trad. de Celso Nogueira e Rejane Rubino. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

^{XXXVIII} Do original: “The frequent references to the events of 1940 reflect their importance in shaping contemporary opinion in Britain about France and the French. Similarly the sections on the French, their culture and their way of life are as revealing of British attitudes as they are those of their allies across the Channel (Instructions for British Servicemen in France. London: The Political Warfare Executive/The Foreign Office, 1944, p. 03).

^{XXXIX} Do original: “The pages which follow are devoted to the French and not the Germans, who have incidentally behaved far worse in other countries than in France. Indeed, the individual German soldier has behaved, on the whole, remarkably correctly in France. He was ordered to do so. It was part of a plan for winning France over to the Nazi “New Order” for Europe. But the French have not been won over (Idem, p. 04).

^{XL} Do original: “Therefore we must repay as gently as possible because they have chanced their lives for us. And the struggle is not only theirs but of all who have allied against Hitler. We must remember that we have a struggle together on French soil and that British cemeteries are a constant reminder of what these two countries have suffered” (Idem, p. 09).

^{XLI} Do original: “A NEW B.E.F., which includes you, is going to France. You are to assist personally in pushing the Germans out to France an back where they belong. In the process, you will meet the Frecnh, maybe not for first time, be seeing a country which has been subjected to German occupation for several years. This is a point worth fixing in your mind. You will learn what it means”.

^{XLII} Do original: “Buying food at a farm may quite likely mean preventing some child in the nearest town from getting a meal. Above all, have nothing to do with any black market. Whatever the temptation, buying on this simply means that the poor who need food will not get it, and the return to normal distribution will be complicated and delayed”. **Idem**, p.10.

^{XLIII} Do original: “French women, both Young and old, are far from shy and you will, if you are a mano f sense, make them your friends. But do not mistake friendship for willingness to give you can take liberties in England can be found in France, and the same sort of girl whom you would grossly offend in this country would be greatly offended if you were to “try anything on” in France. The fathers, brothers and fiancés of French girls will often be unable to protect them because they are fighting the Germans or have been deported to Germany. [...] If you do not, you will injure the reputation of the British soldier”. **Idem**, p.38.

REFRERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

**“DO’S AND DON’TS” - AS INSTRUÇÕES PARA SOLDADOS AMERICANOS E INGLESES
NA II GUERRA MUNDIAL: UMA ANÁLISE COMPARATIVA (1942-1945)**

ANAILZA GUIMARÃES COSTA

BARROS, José D’ Assunção. História Comparada – Um novo modo de ver e fazer a história.

Revista de História Comparada. Vol. 01, número 01, jun./2007.

BLOCH, Marc. **A Estranha Derrota**. Tradução: Eliana Aguiar. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.

_____. **Apologia da História**. Tradução: André Teles. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

_____. Por una historia comparada de las sociedades europeas. In: GODOY, Gigi; HOURCADE, Eduardo. **Marc Bloch: una historia viva**. Estudio preliminar y seleccion de textos. Buenos Aires: Centro Editor de América Latina, 1992.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O que é educação?**. São Paulo: Brasiliense, 1995.

CECCHIN, Cristiane; CUNHA, Maria Teresa Santos. Tenha modos! Educação e sociabilidades em Manuais de Civilidade e Etiqueta (1900 – 1960). **X Simpósio Internacional: O Processo Civilizador**. ISBN: 978-85-99688-02-1. Campinas, 2007.

CHARTIER, Roger. **As utilizações dos objetos impresso**. Lisboa: Difel, 1998.

_____. **Inscrever & apagar: cultura escrita e literatura**. Tradução Luzmara Curcino Ferreira. São Paulo: Editora UNESP, 2007.

CHURCHILL, Wiston. **Memórias da Segunda Guerra Mundial**. Volume 2, (1941-1945). Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2012.

ELIAS, Norbert. A Civilização como Transformação do Comportamento Humano. In: ELIAS, Norbert. **O processo civilizador: uma historia dos costumes**. v.1. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.1994. p 65-108.

_____. Sobre a sociogênese do Estado. In: ELIAS, Norbert. **O processo civilizador: formação do Estado e civilização**. V. 2. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. 1993. p. 193-206.

GONÇALVES, Williams da Silva. A Segunda Guerra Mundial. In: FILHO, Daniel Aarão. FERREIRA, Jorge. ZENHA, Celeste (org). **O século XX**. 3ª Edição. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira. 2005, p. 165-193.

KANT, Immanuel. **Sobre a pedagogia**. Tradução: Francisco Cock Fontanella. Piracicaba: Editora Unimep, 1996.

MANNING G. Molly, **Quando os livros foram à Guerra: as Histórias que ajudaram os Aliados a vencer a Segunda Guerra Mundial**. Tradução: Carlos Szlak, Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2015.

MAYNARD, Andreza. O uso político dos personagens da Disney e a aproximação Brasil/Estados Unidos durante a Segunda Guerra Mundial. In: SCHURSTER, Karl; SILVA,

**“DO’S AND DON’TS” - AS INSTRUÇÕES PARA SOLDADOS AMERICANOS E INGLESES
NA II GUERRA MUNDIAL: UMA ANÁLISE COMPARATIVA (1942-1945)**

ANAILZA GUIMARÃES COSTA

Francisco C. T. **O Brasil e a Segunda Guerra Mundial**. Rio de Janeiro: Multifoco, 2010, p. 745-766.

MASSON, Philippe. **A Segunda Guerra Mundial: História e estratégias**. São Paulo: Contexto, 2011.

PONTE, Helder. **A História Comparada**. In: Um Pouco de Historiografia. Disponível em: <http://umpoucodehistoriografia.blogspot.com.br/2007/05/45-histria-comparada.html>. Último acesso: 17/06/2014 às 18:01.

PROAST, Antonie. Os fatos e a crítica histórica. In: PROAST, Antonie. **Doze lições sobre a História**. Belo Horizonte: Autêntica 2014, p.53-73.

QUITZAU, Evelise; SOARES, Carmen Lúcia. **Um manual do século XVIII: culto à natureza e educação do corpo em Ginástica para a Juventude, de Guts Muths**. Revista Brasileira de História da Educação, v. 16, n. 1. Janeiro/Março, 2016.

RIDING, Alan. Paris – **A Festa Continuou: A vida cultural durante a ocupação nazista (1940-4)**. Trad. de Celso Nogueira e Rejane Rubino. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

TEIXEIRA DA SILVA, Francisco Carlos. O século XX: entre luzes e sombras. In: TEIXEIRA DA SILVA, Francisco Carlos. **O século sombrio: uma história geral do século XX**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2004.

_____. Os Fascismos. In: FILHO R. A Daniel; FERREIRA Jorge; ZENHA Celeste (Orgs). **O século XX: o tempo das crises, revoluções, fascismos e guerras**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.

THEML, Neyde; BUSTAMANTE, Regina Maria da Cunha. **História Comparada: Olhares Plurais**. Revista de História Comparada, v.1, n.1, p.1-21, jun. 2007.

THE POLITICAL WARFARE EXECUTIVE, **Instructions for British Servicemen in France**, London, 1944.

TOTA, Pedro. Segunda Guerra Mundial. IN: MAGNOLI, Demétrio. **Histórias das Guerras** Org. **História das Guerras**. São Paulo: Contexto, 2011.

WAR DEPARTMENT, **Instructions for American Servicemen in Britain**, Washington, D.C., 1942.